

Economia - Brasil

OPINIÃO



MARCELO PIMENTEL

Advogado, ex-ministro do Trabalho, ministro aposentado do TST

# Não sejamos otimistas

O governo reduziu a taxa básica de juros, mas continuamos batendo recordes mundiais. É possível que algum paíseco perdido por aí ainda a tenha mais alta. Todavia, como pensar em progredir se continuamos gravando o crédito em altura que o vice-presidente José Alencar classifica de roubo? Se reduzirmos da taxa básica o que está previsto como inflação dos próximos doze meses, chegaremos à conclusão de que os juros reais para 2004 andarão perto de 11%. Que roubo, dirá o vice!

Não há país que possa pensar em progredir com taxa tão elevada. O investimento reprodutivo jamais alcançará remuneração que se aproxime desse pico, sem ponderar também os riscos do empreendimento. Estamos ouvindo o governo falar — e até conseguimos constatar — que a economia melhorou. Mas a melhora não compete com o ritmo olímpico da taxa de juros, que cai lentamente e não alcança os níveis ideais para que o capital se torne reprodutivo. Além da escassez deste, temos que considerar outros fatores que influenciam o desenvolvimento nacional.

O incremento dos níveis de emprego se dá em conta-gotas segundo o IBGE. E a renda cai continuamente. Só se ouve falar em aumentos de impostos. Agora, a Cofins vai bloquear a expansão do pequeno empreendimento, ao tempo em que o ministro da Fazenda chega ao número cabalístico segundo o qual a União gasta mais de 70% com encargos sociais. Só mesmo na aritmética do Barão de Mukaussen poder-se-ia chegar a esse percentual, porque, simplesmente, se fosse verdadeiro, o Brasil já estaria sendo leiloado, porque orçamentariamente resultaria inviável.

É provável que, como encargo social, tenha sido listado até o milho do pombo da Praça do Planalto. Oportunamente, vou fazer a decantação do mencionado percentual para mostrar que o ilustre ministro está querendo ser mais temido do que o Jack, o Estripador! Isso quer dizer o seguinte: não venham pedir porque não tem.

Como pensar em progredir se o país está quebrado? O governo é um grande empregador e reproduz empregos mediante macroempreendimentos: estradas, hidrelétricas, indústria pesada, saneamento, etc. Se o país não dispõe de recursos, não há empreendimento governamental. Se o capital privado está escasso e o internacional não vê possibilidades de lucros especulativos aqui, não podemos prever que 2004 seja muito melhor que 2003.

Segundo o IBGE, os níveis de emprego de agosto e setembro foram positivos em 0,8%. Isso é quase nada, uma vez que precisamos de mais de um milhão de empregos novos por ano, sem contar os indispensáveis ao reemprego da mão-de-obra desativada. E, se comparada semelhante estatística com setembro do ano passado, o desemprego aumentou 1%. Os setores que produzem são os que mais sentiram, sinal de que os estímulos são zero e de que as perspectivas não são realmente boas para o futuro próximo. As expectativas são de crescimento lento.

No acumulado do ano, a taxa de emprego representou desempenho negativo da ordem de 0,4%, no geral. Com a economia desaquecida — para não di-

zer a recessão em que vivemos —, fácil é contratar mão-de-obra barata, desempregando os trabalhadores mais caros ou mais antigos, dando-lhes substitutos menos onerosos. Daí o risco de um programa como o do Primeiro Emprego, que pode ser desvirtuado e impulsionar o desemprego dos que alcançam níveis mais altos de salário.

Não se pode pensar em manter superávit primário alto se há escassez de capital reprodutivo. Melhor do que mantê-lo em R\$ 25 bilhões é diminuí-lo e empregar o restante reprodutivamente. É aí que entra o FMI. O governo não pode fazer caixa com fundos como o FAT, que devem ir imediatamente para o mercado tentar aumentar o nível de emprego, mediante aumento da produção. Consumo representa aumento da produção, que representa aumento de emprego, que representa mais imposto, que representa mais comida para o povo.

França e Alemanha, entre outras nações, estão com problemas. A primeira, com taxa de desemprego aumentando; a segunda, com a queda de vendas no varejo. Em setembro, a taxa de desemprego na França chegou 9,7%; em agosto, 9,6%, as maiores taxas da área do euro. Na Alemanha o consumo caiu assustadoramente.

São importantes consumidores de produtos brasileiros. Devemos ficar atentos porque essa situação poderá impor perdas ao nosso mercado, principalmente quanto aos 130 milhões de toneladas de grãos que pretendemos produzir no ano que vem. Aliás, se conseguirmos armazená-los, porque, no momento, nem armazéns suficientes possuímos. Os ratos estão batendo palmas. Vão ter comida a valer.

O nosso crescimento estimado para 2004 está entre 3% e 4%, muito mais que este ano. Porém, para que signifique algo, terá que se reproduzir anos seguidos. Assim reequilibraremos o jogo econômico e reincorporaremos a mão-de-obra disponível hoje. Os conjuntos favoráveis atuais, que nos levaram a parcial recuperação, deverão ser mantidos.

